

AMOR E MODA NA FRANÇA MEDIEVAL: TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA CORTÊS

Love and fashion in medieval France: transformations of courtly culture

Viana, Isabella Brugnara; Universidade Franciscana, brugnaravianaisabella@gmail.com¹
Colpo, Caroline Manucelo; Ma.; Universidade Franciscana, caroline.colpo@ufn.edu.br²

Resumo: Este trabalho investiga a influência da cultura cortês na gênese da moda, destacando como a valorização do amor e das boas maneiras transformou os comportamentos sociais e o vestuário na França do século XII. A pesquisa analisa estudos sólidos e um manual da época para compreender essas mudanças culturais e estéticas. O foco central é a intersecção entre a legitimação do amor e o nascimento da moda, revelando o impacto profundo dessa nova ética na sociedade medieval.

Palavras-chave: Moda; cultura; amor cortês.

Abstract: This paper investigates the influence of courtly culture on the genesis of fashion, highlighting how the appreciation of love and good manners transformed social behaviors and clothing in 12th-century France. The research analyzes solid studies and an ancient manual to understand these cultural and aesthetic changes. The central focus is the intersection between the legitimization of love and the birth of fashion, revealing the profound impact of this new ethic on medieval society.

Keywords: Fashion; culture; courtly love.

Introdução

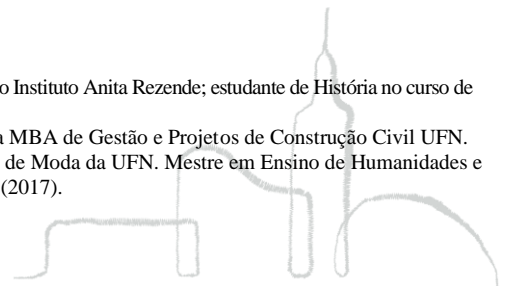
Este trabalho investiga as mudanças culturais que moldaram a sociedade francesa a partir do século XII, focando na ascensão da cultura cortês e suas implicações na gênese da moda. O objeto central deste estudo é a intersecção entre as novas expressões de amor cortês e o novo código de exuberância, explorando como essas mudanças refletiram e influenciaram o comportamento e as normas sociais.

O principal objetivo da pesquisa é compreender como essa nova forma de viver, pautada no amor e na valorização das boas maneiras, contribuíram para a sofisticação do vestuário e influenciaram no nascimento da moda. Para tanto, foram analisados estudos sobre o assunto que trazem textos literários, manuais de comportamento e poesias do período, que destacam a exaltação da mulher amada, a transformação dos hábitos masculinos em direção a um comportamento mais refinado e galante além de análises de transformações sociais acompanhadas de críticas clericais.

A metodologia adotada inclui uma revisão bibliográfica de obras relevantes, com referenciais como os escritos de Capellanus em *'The Art of Courtly Love'*, espécie de manual do período, bem como as análises de Gilles Lipovetsky (1987), Calanca (2008) e Burns (1948), que fornecem uma base teórica sólida para a compreensão do fenômeno. A

¹Graduada em Tecnologia de Design de Moda pela Universidade Franciscana (UFN); consultora de Imagem e Estilo pelo Instituto Anita Rezende; estudante de História no curso de Bacharelado do Centro Universitário Internacional (UNINTER); pesquisadora de História da Moda e do Vestuário.

² Professora do Curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Franciscana (UFN). Coordenadora da MBA de Gestão e Projetos de Construção Civil UFN. Coordenadora do Laboratório Núcleo de Pesquisa e Atendimento ao Mercado com Projetos do Curso de Design de Moda da UFN. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens com ênfase no ensino formal e não formal de moda pela UFN (2020). Designer de Moda pela UFN (2017).



análise desses textos permite explorar as normas sociais e culturais que emergiram da cultura cortês e seu impacto nas relações de classes e principalmente de gênero e conseqüentemente na moda.

A Origem deste Artigo

Durante o desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação da autora deste projeto, intitulado ‘Moda, Amor e Casamento: Uma Coleção Nupcial Feminina Inspirada na Era Vitoriana para Mulheres Contemporâneas’, muitas questões envolvendo história, sociologia e moda foram abordadas, sobretudo no que diz respeito à relação entre o vestuário utilizado pelas mulheres para o dia de seu matrimônio e as normas sociais referentes ao amor e ao casamento.

Entretanto, uma afirmação levantada por Lipovetsky (1987) se sobressaiu, a gênese da moda está intimamente relacionada com a cultura do amor cortês, que emergiu na França entre os séculos XII e XIII. A curiosidade acerca do assunto, que precisou ser brevemente explanado devido ao caráter do trabalho, levou ao desenvolvimento desta pesquisa através de revisão bibliográfica, a fim de investigar a influência da cultura cortês no nascimento da moda.

A Moda Enquanto Sistema

Ao assumir que a moda surge em algum ponto da história, entende-se que ela não é intrínseca a todas as sociedades e a todos os momentos, mas uma construção que pode ser reconhecida apenas a partir do final da Idade Média, quando o prazer pela mobilidade e pela ruptura com o passado são instituídos. ‘Durante dezenas de milênios, a vida coletiva se desenvolveu sem culto das fantasias e das novidades, sem a instabilidade e a temporalidade efêmera da moda, o que certamente não quer dizer sem mudança nem curiosidade ou gosto pelas realidades do exterior’ (Lipovetsky, 1987, p.23). Logo, ao manter a norma vigente em uma manutenção quase irrestrita das tradições, sem modificações abruptas de valores sociais e estéticos, não há espaço para a mutabilidade que a moda exige.

Em um primeiro momento, o termo moda pode ser entendido como ‘uma dicotomia temporal entre o “velho” e o “novo”, entre o presente o passado, entre imobilidade e mobilidade. É a experiência das aparências que pressupõe “objetos” nos quais se manifestar; é função e conteúdo estético’ (Calanca, 2008, p.11). Em um segundo momento, refere-se mais especificamente à ciclicidade dos gostos de um grupo que se torna norma (Calanca, 2008). Assim, entende-se como moda, a ciclicidade dos valores e costumes aceitos por determinada sociedade, a mobilidade de sua cultura, a fugacidade do ser e por fim, a materialização dessa instabilidade em objetos palpáveis.

‘Desde que se tornou possível reconhecer a ordem típica da moda como sistema, como as suas metamorfoses e inflexões, a moda conquistou todas as esferas da vida social, influenciando comportamentos, gostos, ideias, artes, móveis, roupas, objetos e linguagem’ (Calanca, 2008, p.13). Entretanto até os séculos XIX e XX, a substancialidade representativa desse sistema que emergia, pode ser observada sobretudo através do vestuário. Foi ele que carregou as fantásticas oscilações da aparência. Desta forma, ‘o vestuário é por excelência a esfera apropriada para desfazer o mais

exatamente possível a meada do sistema da moda; só ele nos proporciona, numa certa unidade, toda heterogeneidade de sua ordem. A inteligibilidade da moda passa em primeiro lugar pela do feéricos das aparências: têm-se aí e o pólo arquetípico da moda na era aristocrática' (Lipovetsky, 1987, p.24).

A Cultura Cortês e a Moda

A partir do século XII, ocorreu uma mudança significativa na perspectiva da corte francesa, emergiu uma nova forma de viver, amar e ser. Anteriormente, a cultura valorizava a força e a virilidade dos cavaleiros, admirados por seus atos heroicos. Entretanto, iniciou-se então um processo de refinamento do viver. 'Ao lado dos valores tradicionais, como a força, a coragem e a generosidade, surgem novas exigências expressivas, como as 'boas maneiras', a capacidade de conversar, as qualidades literárias, o requinte galante, a dominância feminina' (Calanca, 2008, p.74). Esse fenômeno marca a ascensão da cultura cortês.

Observa-se que os homens, antes admirados pelas suas façanhas bélicas, passam a escrever poesias e a apurar a linguagem, tendo como tema principal a exaltação da mulher amada. É claro que os antigos hábitos e valores não foram imediatamente deixados, mas a acrescidos de novos, 'à exigência tradicional de força física, de proeza e de largueza acrescentaram-se novas normas que exaltam a idealização da mulher, o bem falar, as boas maneiras, as qualidades literárias, a preciosidade galante' (Lipovetsky, 1987, p.63). Essa preciosidade galante é muito abordada em textos do período, o que demonstra a importância da conquista e do amor para essa nova cultura.

A invenção mais original desta nova consciência coletiva é justamente o amor (Lipovetsky, 1987). A nova ordem é que o amante viva aos pés da amada, fazendo de tudo para conquistá-la 'no novo código amoroso, o senhor, por jogo, vive ajoelhado diante da mulher amada, languesce e cerca-a de atenções, mostra-se submisso a seus caprichos, é obrigado a celebrar sua beleza e suas virtudes em poemas lisonjeiros' (Lipovetsky, 1987. p.64-65). A forma como esta conquista deveria ser realizada, bem como as características do amor que nascia, são abordadas por Capellanus em sua obra '*The Art of Coultly Love*', uma espécie de manual para homens escrito entre 1174 e 1186.

De acordo com Capellanus (1964) o amor faz um homem se transformar, suas maneiras ficam finas, se torna nobre de caráter, humilde e prestativo, e é capaz de torná-lo virtuoso e casto, pois só tem olhos e coração para a amada. Apesar da sugestão do sentimento ser responsável por modificar o caráter do homem, pode-se supor que essas novas virtudes resultam de um esforço para encantar a mulher desejada. O autor deixa claro ainda, que a boa conversa e o refinar da linguagem ao exaltar a dama é o que deve conquistá-la, o que é reforçado pelas poesias do período.

Tais poemas revelam algumas peculiaridades que devem ser ressaltadas: o amor mais puro é o extraconjugal e o objeto de desejo sempre parece inalcançável, 'o amor dos trovadores parece ser um amor impossível. Entre os dois amantes interpõem-se contínuos obstáculos, como o gilos (marido) e os lauzengiers (maledicentes), que podem espalhar a existência da relação clandestina ou estragar com mentiras a boa reputação do poeta' (Calanca, 2008, p.75). Essa

ruptura com a norma social, parece ter encontrado terreno fértil devido aos casamentos arranjados, comuns no período, que permitiam o surgimento de sentimentos fora do matrimônio. Por outro lado, a repressão social e religiosa buscava impedir o desenvolvimento desse amor.

Desta forma, o amor é sofrimento, primeiro pelo desejo e quando conquistado pelo medo da perda. Justamente por isso, não pode ocorrer entre marido e mulher, mesmo que fossem amantes e acabassem por se casar, entre eles restaria apenas afeição, mesmo que forte, já que o ciúme é o medo de perder que aumenta ainda mais o sentimento, enquanto esposos não o tem, pois o casamento é eterno (Capellanus, 1964). Ao passo que a narrativa propõe a extraconjugalidade como expressão verdadeira do amor, cria-se uma ética em que o amor profano é legitimado desde que absolutamente apaixonado (Calanca, 2008), naturalmente de forma não uniforme.

Nesta nova forma de se relacionar, os amantes deveriam ser comedidos, de forma a escolher seu pretendente pelo caráter, mais do que pela aparência luxuosa e pelas posses, mas fica claro que ambos devem ter cuidado com a beleza e usar coisas que o outro aprecia (Capellanus, 1964), entretanto implicitamente é deixado transparecer que as mulheres têm maior perdão para os enfeites que os homens. Quanto a esse mundo material, o luxo em geral, de roupas, joias e todo o tipo de objeto que requinta aparência, ocupa de forma acentuada as narrativas. Nesse contexto, homens e mulheres refinam a própria imagem, enquanto as segundas, ainda desfrutam de presentes luxuosos de seus pretendentes e passam a apostar itens de luxo em jogos de mesa, o que lhes dá poder de troca (Burns, 1948). O fato de mulheres passarem a ter acesso a moedas de troca foi visto com maus olhos pelos conservadores, já que anteriormente era reservado aos homens, pois todo o controle financeiro e herdabilidade reservava-se ao masculino.

Assim, sob a ótica de religiosos, as mulheres são consideradas não confiáveis, em uma tradição misógina que relaciona o feminino a Eva e ao pecado inicial, são todas consideradas interesseiras e traidoras, e só se utilizam do amor dos homens para ganhar presentes (Capellanus, 1964). Devido a isso, grande parte dos sermões e discursos clericais eram voltados para que as mulheres abandonassem os vestidos requintados, o luxo e seguissem uma vida de modéstia. Como costumavam ser vistas como manipuladoras e superficiais, tais instruções eram voltadas para elas, muitas vezes utilizando-se de histórias individuais que contavam sobre damas que largavam o luxo em nome da santidade. A preocupação, entretanto, tendia a ser mais com o que elas fariam com a mente dos homens e a preocupação de que eles passassem a se parecer com mulheres devido aos enfeites, do que com a salvação das almas femininas (Burns, 1948).

A insistência clerical é ainda mais justificada quando se percebe que a ordem social foi quebrada em vários aspectos: além do matrimônio ter perdido espaço para as relações extraconjugais, os homens buscam o acúmulo de riquezas para tentar alcançar o nível social de sua amada. Sobre esse aspecto, a regra social vigente, é que a mulher sempre torna para a classe do marido, enquanto o homem não pode ascender socialmente pelo casamento (Capellanus, 1964). Durante a conquista, o homem defende a nova perspectiva de amor, exaltando tudo o que é dele, enquanto a mulher defende os velhos costumes, provavelmente com medo de corromper a própria imagem, prende-se aos antigos

dogmas e sempre recusa-se ao amor, ao menos no primeiro momento, entretanto para cada classe há um modo de falar (Capellanus, 1964). Essa busca por amantes de diversas classes, que leva ao acúmulo de bens, é tão criticada pelo clero quanto o luxo e a extraconjugalidade.

Durante o século XIII, com o crescimento econômico que possibilitou o acúmulo material potencializado pela cultura do amor cortês, comerciantes passaram a ter maior possibilidade de compra de tecidos e aviamentos, de forma que as classes nobres buscavam se distinguir dos não nobres. Nesse contexto surgem as leis Suntuárias, primeiro com uma limitação de valor gasto por cada hierarquia em suas roupas, e com o passar do tempo, através de proibições claras do uso de certas roupas por classes não nobres, com diferenciação inclusive quanto aos níveis de nobreza (Burns, 1948), o que demonstra mais uma vez a busca a manutenção das posições sociais e do simbolismo de status através da vestimenta por parte do clero.

Com base em todos esses fatores, nota-se a influência da cultura cortês na gênese da moda enquanto sistema: com a possibilidade de conquistar um amante em qualquer camada social, as classes emergentes buscam parecer com a nobreza, o que é impulsionado pelo desenvolvimento econômico. Indiretamente, o rompimento da tradição e a individualização dos seres causa uma percepção de liberdade para gostos e escolhas; diretamente, com a revolução da relação entre os sexos, o traje tornou-se artifício de sedução (Lipovetsky, 1987). A partir da metade do século XIV, as togas anteriormente muito semelhantes para ambos os sexos foram substituídas para os homens por ‘gibão, espécie de jaqueta curta e estreita, unida a calções colantes que desenham a forma das pernas; por outro lado, substituiu-a um traje feminino que perpetua a tradição do vestido longo, mas muito mais ajustado e decotado’ (Lipovetsky, 1987, p. 29). Tal diferenciação pode ser visualizada na figura 1 a seguir.

Figura 1: Diferenciação das roupas de homens e mulheres.



Fonte: História Ilustrada do Vestuário, 2009.

A imagem ilustra o princípio da diferenciação entre vestimentas masculinas e femininas, que se desenvolveu nos círculos aristocráticos franceses, que possuía grande influência na cultura ocidental. O padrão se estabeleceu em toda a Europa, embora com variações regionais significativas. Como citado por Lipovetsky (1987), percebe-se as mulheres em vestidos, com decotes e ancas demarcadas, homens com gibão de mangas estufadas e pernas delineadas. Essa radical diferenciação entre o vestuário dos sexos deixa explícita a diferença dos corpos, entretanto, o vestuário não é interessante apenas pela forma material que toma, mas pelas modificações sociais que demonstra.

Nota-se, desta forma, que enquanto a distinção de gênero quanto aos atributos tipicamente femininos e masculinos são acentuados sobretudo através da vestimenta, principalmente devido ao clima de flerte instaurado e a individualização do ser, a ordem de status social, é por outro lado, menos delimitada. O que antes era utilizado apenas pela aristocracia, passa a ser encarado como objeto de desejo pelas classes emergentes, daí vem a gênese da moda, pautada em uma nova ordem social gerada pela cultura cortês.

Considerações Finais

Este estudo procurou demonstrar como a cultura cortês emergente na França a partir do século XII foi fundamental para o nascimento da moda. A investigação revelou que a moda, como um sistema de constante renovação cultural e estética, tem relação com as mudanças promovidas pelo amor cortês, já que, esta nova ética tem como principal novidade o amor extraconjugal, e trouxe consigo a valorização das boas maneiras, do refinamento da aparência e da exaltação da mulher amada, de forma que instituiu um clima constante de flerte e possibilitou a escolha livre dos amantes.

Foi apresentado que a moda, enquanto sistema, se estabelece através da possibilidade de mobilidade e transformação de normas e gostos. Nesse sentido, com a ascensão da cultura cortês, observou-se uma maior individualização dos desejos e das escolhas, que demonstra a ruptura com tradições rígidas. Essa individualização acrescida da conquista da pessoa amada, é particularmente evidente na diferenciação dos trajes masculinos e femininos a partir do século XIV, com homens adotando o gibão e calções e mulheres utilizando vestidos mais ajustados e decotados, marcando a distinção dos sexos.

As implicações sociais e culturais dessas mudanças foram profundas. O vestuário, além de seu aspecto funcional, tornou-se um artifício de sedução e um marcador de status social, ao passo que as classes emergentes buscavam se aproximar esteticamente da nobreza, sobretudo frente a quebra da estratificação social que sugeria a possibilidade de amantes em diferentes esferas de poder. A nova ordem social gerada pelo amor cortês, que valorizava o flerte e a conquista amorosa, refletiu-se no desejo por luxo e sofisticação, tanto em homens quanto em mulheres. Esse

desejo, por sua vez, desafiou e transformou as normas tradicionais, permitindo que a moda, mais tarde, emergisse como um fenômeno distinto e dinâmico.

Em resumo, a gênese da moda enquanto sistema está intimamente ligada à cultura cortês e às transformações sociais e culturais que esta trouxe. Como pôde ser observado, o nascimento da moda não foi apenas uma questão de mudança estética, mas reflexo de uma nova maneira de viver e de se relacionar, marcada pela individualização, valorização do amor e busca por distinção social. Assim, a moda emergiu como uma expressão tangível das modificações culturais e sociais que definiram a era cortês, influenciando comportamentos, gostos e, sobretudo, a forma como as pessoas se apresentavam e se percebiam no mundo.

Referências

BURNS, E. Jane. **Courtly Love Undressed**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2002.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CAPELLANUS, Andreas. **The Art of Courtly Love**. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1964.

LEVENTON, Melissa. **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

